

TEMPO, IMAGEM E SUBJETIVIDADE: OS SENTIDOS DA VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE

Mirella Ramos Costa Pessoa¹

Resumo: A partir de uma análise genealógica que relaciona os conceitos de biopoder, governamentalidade e emergência histórica de saberes-poderes, propôs-se a suspeição dos significados das imagens da velhice na modernidade e na contemporaneidade. Partimos do pressuposto de que há uma estreita relação entre o regime atual de visibilidade e a produção de sentidos próprios para a velhice. Observaram-se questões que perpassam pela autonomia, constante atualização, atividade e valorização do trabalho intelectual, empreendedor e conectado, configurado em uma “mão-de-obra” eterna do capitalismo financeiro atual, identificando uma nova velhice que se afasta cada vez mais das descrições patológicas modernas. As patologias normais ao corpo idoso são agora colocadas em segundo plano, administradas em práticas e cuidados de si que os mantêm de pé, eretos e longe da bengala que representa a dependência. Foram analisados, à luz do gesto genealógico, manuais médicos, propagandas, filmes e publicações de redes sociais – *corpus* formado a partir de uma arqueologia de imagens –, relacionados ao contexto histórico do qual fazem parte. Pôde-se perceber que a nova velhice é independente, ativa e administra as perdas que o tempo pode causar aos corpos, observando-os menos como problemas e mais como oportunidades. Constituem-se assim, subjetividades centradas no gerenciamento dos corpos velhos adequados à mesma lógica da empresa, metáfora maior que perpassa as relações sociais do hoje.

Palavras-chave: Velhice, Biopoder, Governamentalidade, Empreendedorismo de Si, Regime de Visibilidade.

Contacto: mihpessoa@gmail.com

Introdução

“Por falar em autoestima, dá uma olhada nisso: [símbolo] este é o pictograma que representa os idosos no Brasil. Pense comigo: se esses milhões de pessoas resolverem se comportar como o símbolo sugere? O futuro vai começar a parecer preocupante, não? Vem cá,

¹ Mirella Ramos Costa Pessoa, graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UnB, é mestranda no PPGCOM – Universidade de Brasília, com pesquisa em desenvolvimento sobre as imagens e os sentidos da velhice na contemporaneidade. Atualmente Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), faz parte do grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade (CNPq).

Pessoa, Mirella Ramos Costa. 2020. “Tempo, imagem e subjetividade: Os sentidos da velhice na contemporaneidade”. In *Atas do IX Encontro Anual da AIM*, editado por Marta Pinho Alves, Maria do Rosário Lupi Bello e Iván Villarme Álvarez, 244-251. Lisboa: AIM. ISBN: 978-989-54365-2-1.

você que tem mais de sessenta anos de idade se sente confortável com esse símbolo?”

Vídeo-manifesto “A Nova Cara da Terceira idade”²

“A Nova Cara da Terceira Idade” é o título do vídeo-manifesto produzido para a divulgação da iniciativa que teve como objetivo propor um novo símbolo que representasse a população acima de sessenta anos no Brasil.³ O comportamento com o qual o narrador do vídeo se diz preocupado está representado pelo antigo símbolo, a iconografia de um homem curvado, segurando uma bengala. O velho, agora de pé e sem a bengala, é a iconografia da “Nova Cara da Terceira Idade”. ‘Nova’ terceira idade, melhor idade, maturidade, sessenta mais. Os termos utilizados para nomear essa fase da vida são um exemplo inicial de uma transição que passa pela mudança do pictograma, mas que vai muito além disso. As perguntas que o narrador do vídeo faz suscitam uma série de ideias: que estamos vivendo mais, com mais disposição, por mais tempo. Além disso, sugere que esses anos a mais estão sendo aproveitados de alguma outra forma; que seremos uma força de trabalho necessária em um futuro que está cada vez mais presente; que precisaremos estar mais saudáveis para isso; que não queremos ser representados pelo velho curvado de bengala.

Nesse cenário, uma coisa é certa: a imagem da velhice está se transformando e o significado de ser velho, no momento atual, passa por uma mudança não só da imagem, mas também no sentimento de velhice, nos cuidados com a velhice que está por vir, nos nossos planejamentos de vida e naquilo que compreendemos como sucesso no fim das nossas vidas. Estamos diante de outras imagens dessa velhice, mas também de uma velhice que se vive através da imagem. Diante dessa abordagem, aquilo que emerge na superfície da linguagem, nas propagandas, no cinema, nas matérias jornalísticas, e que está entrelaçado aos discursos, às narrativas e às novas tecnologias da comunicação e da imagem, compõe uma rede, transpassada por uma relação de forças produtoras de verdades. É a partir dessas imagens, sintomáticas de uma transição vigente, que questionamos: quais imagens da velhice que estão em evidência no nosso tempo? De que modo elas são fruto de certas urgências históricas, ao mesmo tempo em que as produzem?

² *Manifesto Nova Cara da 3ª Idade*, publicado pelo canal Nova Cara, em 2013.

³ Símbolo para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH. Senado Notícias (2018).

Para tentar responder essas perguntas e realizar a investigação proposta neste trabalho, é preciso pensar historicamente, pensar os sentidos das práticas e os valores que as tecnologias da imagem, que os cuidados de si e que a experiência com o tempo adquirem hoje. Desse modo, faz-se necessária uma escavação do presente, algo que componha um tecido de imagens produtor de um significado de velhice no momento em que vivemos. Do mesmo modo, ao pensar historicamente, propomo-nos voltar ao passado e navegar nas pistas que poderiam nos apontar indicativos do que fora a velhice em outros tempos, e, assim, analisar as transições e continuidades – as transformações e as disputas postas em jogo em um momento de imperativos estratégicos diferentes do que vivemos agora – e perguntar então: o que foi a velhice do passado e o que ela veio a tornar-se na contemporaneidade?

Escavando o passado, desvendando o presente

Um senhor estagiário que decide largar a aposentadoria e candidata-se a uma vaga de estágio enviando uma vídeo-carta de apresentação: é o caso do Ben, do filme “Um Senhor Estagiário”. As “vovloglers”,⁴ garotas-propaganda do aplicativo de celular do banco brasileiro Itaú, sempre divertidas e conectadas. O bancário aposentado da campanha publicitária *Senhor Orientador*, que escolhe continuar prestando consultoria de crédito a pequenos empreendedores. O *website* MaturiJobs (2019), plataforma que capacita e conecta profissionais com mais de cinquenta anos a empresas com vagas disponíveis para esse público. Entre esses exemplos e a nova cara de terceira idade, figuras emergentes circulam nos contextos hegemônicos de comunicação, oferecendo pistas que reforçam nossa suspeita: a velhice, hoje, é algo que não foi em outros tempos.

A nossa arqueologia de imagens acontece também em outras épocas, mais precisamente no século XIX e início do século XX. Isso porque entendemos que nesse período poderíamos encontrar possíveis imagens e sintomas de transição, de contrastes e também de mudanças de sentidos. Nessa escavação, vieram à tona achados, índices históricos dos sentidos da velhice na modernidade, que nos permitiram identificar uma velhice atrelada ao confinamento do corpo em declínio, à aceitação dos fardos do envelhecimento, ao sentimento de repulsa muitas vezes causado pela dependência que

⁴ As garotas propagandas do filme *Desafio Digital Itaú* são as vovós que estão aprendendo, com muita facilidade, a utilizar essas tecnologias, que, segundo o discurso da campanha, facilitam a vida, tornando-a rápida e prática.

essa fase da vida pode vir a acarretar. Tratou-se aqui de uma navegação por indicativos de um momento histórico diferente do que vivemos hoje.

O poema “Da Colina para a Casa dos Pobres” (Carleton, 1871), publicado na revista semanal *Harper's Weekly*, de 1871, é uma dessas imagens exemplares. A revista trouxe, em uma de suas edições, a história de uma mulher de setenta anos contada em um poema: “uma espécie de jornada que nunca pensei em seguir” (tradução nossa). A trajetória narrada pela personagem passa pelos tempos de juventude, em que era cortejada, até encontrar seu marido e, junto com ele, cuidar com carinho dos filhos. A jornada adquire um caráter melancólico quando a personagem perde seu marido e começa a tornar-se um fardo para seus filhos, até chegar ao fim do “caminho cansado” pelo qual ela se “arrasta”. Contrariada, a protagonista termina sua trajetória na casa dos pobres (*Poor-house*) – instituição da modernidade destinada ao confinamento e reforma dos desviantes (modelos panópticos com estratégias e tecnologias de poder semelhantes àquelas aplicadas nos hospícios, nas fábricas, nas escolas). O poema, além de demonstrar o caráter melancólico do declínio no fim da vida, faz vir à tona o funcionamento dessas instituições, que, ancoradas pelo saber da medicina moderna, conformam o que se entende por uma velhice de decadência, na emergência da geriatria.

É na estratégia de observação proposta pelo gesto genealógico que a volta ao passado, que o jogo de contrastes, faz emergir em nossa investigação as transformações que determinados tempos históricos carregam. Voltamos assim a imagens como a que foi desenhada por James Baillie, nos Estados Unidos do século XIX. “*The life & age of man: stages of man's life from the cradle to the grave*” faz parte de um conjunto de outras litografias que ilustram as fases da vida de um homem, imagens de um certo ideário de “escada da vida” que servia para estampar bordados ou decorar as paredes dos quartos de famílias americanas (Edelstein, 2018, 25). Nas etapas da vida do homem, que sobe os degraus até o ponto mais alto para então passar a descê-los à medida que seu corpo cai e encurva-se, é possível perceber, em contraste com “a nova cara da terceira idade”, como o novo pictograma da velhice atual, de certa forma, produz e faz circular uma ideia de verticalização do corpo velho. Algo que transpassa as imagens da velhice contemporânea e que é oposto ao que circulou em imagens da modernidade, como na ilustração de Baillie. É nas imagens da modernidade que a decadência, o corpo curvo, a descrição médica parecem estar em

evidência. São imagens que se entrelaçam a uma rede compositora de um significado que demarca bem o estágio permanente e não maleável de uma velhice fixada à idade.

É também no contraste com a nova cara da terceira idade que salta aos nossos olhos esse movimento de colocar-se de pé. Como se, nas imagens da modernidade, o velho fizesse o processo inverso daquele que é proposto na reformulação do símbolo dos idosos: justamente o apagamento do símbolo do velho curvado de bengala, dando lugar a um outro significado que identifique para a velhice um outro sentimento, uma outra relação com a velhice. Não por acaso, é também o que nos diz o poema da propaganda divulgada pela Age UK e dirigida por Nadav Kander em 2014, organização não governamental da Inglaterra que também procura em suas campanhas um outro sentido para o envelhecimento. Em um poema metricamente rimado na língua inglesa, o locutor diz: “Crie um *website*, invente um aplicativo / faça zumba, esqueça-se de tirar uma soneca” (tradução nossa).

A partir do gesto, até aqui aplicado às imagens da velhice, evidenciam-se dois principais pontos de destaque: confinamento, em contraponto à circulação, e dependência, em oposição à autonomia. Trata-se de contrapontos que se relacionam constantemente à força de trabalho, ao declínio do corpo e à governança das condutas desses sujeitos. De fato, essas marcações não são fixas. São conceitos que transitam entre as imagens, os textos, os relatórios, os filmes e sobrepõem-se constantemente. O fato é que a sociedade de controle (Deleuze 1992) possibilita um significado da velhice contemporânea que orbita em torno da conectividade, do consumo e da atividade. Características de um capitalismo financeiro, de um empreendedorismo de si (Ehrenberg 2010) em uma sociedade que tem como metáfora-modelo a empresa, além de uma experiência temporal extremamente marcada pela aceleração. Realidade diferente do confinamento dos corpos, da classificação das populações e dos saberes que dela derivam; que entendia esses corpos e essas populações, entre eles a população idosa, como pontos de fixação do biopoder em um contexto histórico cujo imperativo estratégico demandava corpos dóceis e um prolongamento máximo da vida, legitimando ações necessárias para concretização do projeto civilizatório de progresso da modernidade (Foucault 1999). Não por acaso, a casa dos pobres e a classificação dos velhos entre capazes e incapazes fisicamente vêm a ser algo marcante no significado da velhice nesse período.

A autonomia, por outro lado, percorre a composição do sentido da velhice na contemporaneidade, em contraponto à dependência marcada pela decadência física dos

corpos, que, hoje, segundo essas narrativas hegemônicas, passa a ficar em segundo plano, possível de ser administrada, principalmente em decorrência dos avanços da medicina e das tecnociências, que também permitiram o prolongamento das nossas vidas. A intensa diminuição do Estado e dos benefícios característicos do Estado de bem-estar social também marcam essa nova relação do ser velho e de como percebemos uma velhice de sucesso marcada pela independência. Seja ela independência dos médicos, dos filhos ou do Estado.

Identificamos, assim, o *estágio* da velhice e o *estado* da velhice como outra característica marcante da mudança desse significado. Sendo o estágio algo fixo, atrelado à idade, às falhas do corpo e à faixa etária classificatória que não permite transitoriedade. O conceito de estágio está bem exemplificado na fala do professor de Ignatz Leo Nascher, que, ao ser questionado, sobre o que poderia ser feito pela paciente idosa, gravemente doente, da qual tratavam, responde ao aspirante a geriatra: nada (Clarfield *apud* Spence 2007). A impossibilidade de ação sobre o momento da velhice e o que ela acarreta aos corpos ecoa não somente na conformação de uma velhice de declínio, esses e outros exemplos tonificam essa narrativa, legitimando e internalizando nos sujeitos velhos a aceitação do estágio do qual não podem escapar. Nada poderia ser feito por aquela senhora que acabara de ser diagnosticada com a patologia da velhice. Cabe ao velho, nesse caso, aceitar a velhice, conviver com ela e entender os fardos que ela vem atribuir às subjetividades. Por outro lado, o *estado* da velhice está muito mais ligado a um modo de ser velho, a um comportamento que pode ser ajustado e adequado. Como é o caso de Permínio, personagem da matéria veiculada pela Rede Globo (2017) que, aos 68 anos, decidiu abrir uma *startup* e defende a ideia de que, para competir com os jovens desse ambiente, é necessário acreditar que somos jovens. Nesse estado de velhice, o ser velho vai depender menos das marcas da idade ou das falhas dos corpos e muito mais do modo como pensamos ser velho, sendo possível ajustar essa velhice às demandas dinâmicas, empreendedoras e autônomas do século XXI.

Percebemos, assim, como Ben (o senhor estagiário), as *vovloggers*, Permínio, o dono da *startup*, são figuras que, reverberadas pelos circuitos de comunicação, tentam romper com as descrições médicas de uma velhice patológica, com o confinamento dos corpos velhos das *casas dos pobres*, com a dependência do idoso aposentado pelo Estado pagador de benefícios. Largam a bengala, fazem aula de zumba, inventam um novo aplicativo e caminham de pé, por conta própria, empreendendo ou se atualizando

para seguir atuando no mercado de trabalho. Mais do que isso, atuando também como instrumentos da configuração dessa nova velhice. Gesto que supõe a conquista de certas liberdades – frutos de lutas e alcance de direitos sociais –, mas que, ao mesmo tempo, sugerem outras sujeições e também outros sofrimentos.

A velhice e o regime de visibilidade contemporâneo: breves conclusões

Como foi possível perceber, partimos do pressuposto de que o regime atual de visibilidade⁵ torna possível certas verdades próprias da velhice. Nosso interesse de pesquisa está nas narrativas hegemônicas, aquelas proferidas e entrelaçadas aos circuitos e jogos de poder, que pressupõem predominância e que fazem falar certos tipos e modos de ser velho, ao mesmo tempo em que silenciam ou ofuscam outros tipos. Trata-se de considerar em nossa pesquisa que os regimes de visibilidade fazem vir à tona certas verdades ou modos de perceber a velhice. Não que outras formas de ser velho na contemporaneidade não existam, mas nosso foco está naquelas que circulam hegemonicamente. Assim, entendemos que os significados são produtos e produtores de um tipo de sujeito que se forma dentro do seu tempo histórico. São simultaneamente efeito e instrumento de uma conjuntura que os constitui como tal. E essa relação do nosso ser conosco e o como nós nos percebemos como indivíduos nos coloca em uma busca legítima por um sentido para nossas existências, como é o caso de Ben, o estagiário que não se sente mais ajustado à ideia tradicional de aposentadoria.

De fato, nossas vidas estão repletas de páginas em branco, aguardando pelo que ainda será escrito. O ganho desses anos a mais podem ser grandes oportunidades de inventarmos outras histórias para narrar o tempo de vida conquistado. O vazio que o senhor estagiário sente na sua vida é preenchido por uma nova recolocação no mercado, pela volta à atividade, pela sensação de sentir-se útil e parte de algo novamente. Não pretendemos definir como esses vazios devem ser preenchidos, nós queremos entender como e a partir de quais relações de forças, de que demandas históricas, esses modos de preenchimento se apresentam como soluções possíveis para o sentimento de completude na fase da vida de aposentadoria.

⁵ Partindo do regime de verdade, o qual Foucault procura entender e desmontar, entendemos que o regime de visibilidade vai além da formação discursiva, embora seja inseparável dela. (Deleuze, 1988) vai demonstrar essa articulação entre “o que se vê” e “o que se diz” e como um determinado momento da história possui suas condições específicas de visibilidade.

O propósito maior deste trabalho não é encontrar uma verdade única para as existências da velhice. Nosso propósito consiste, a partir da constatação crítica do presente, aliada à investigação do passado, em poder perceber os espaços possíveis de ação do sujeito nessas rupturas e assim recalibrar a nossa capacidade de imaginar outras possibilidades para velhice. Que possamos identificar discursos possíveis, resistentes às forças que produzem sentidos muitas vezes sujeitos à lógica hegemônica da qual são frutos e produtores. Que sejam possíveis, nesses espaços, outras utopias para o futuro do nosso envelhecimento. Que seja possível a invenção de outras novas caras da terceira idade.

BIBLIOGRAFIA

- Carleton, W. M. 1871. Over The Hill to the Poor-house. Harper's Weekly: a journal of civilization, vol. XV, n. 755, 17 jun. Disponível em <http://bit.ly/2MHkuPF>.
- Deleuze, G. 1988. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, G. 1992. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Edelstein, S. 2018. *Adulthood and Other Fictions: american literature and the unmaking of age*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Ehrenberg, A. 2010. *O Culto da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Idéias & Letras.
- Foucault, M. 1999. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- MaturiJobs, 2019. *Nós valorizamos profissionais maduros*. MaturiJobs. Disponível em <https://www.maturijobs.com/>
- Senado Notícias. 2018. *Símbolo para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH*. Senado Notícias, 25 abr. Disponível em <https://bit.ly/2uj7Tpg>.
- Sibilia, P. 2008. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Spence, D. 2007. *Wanted: stress monkeys*. BMJ,334(7605), 1224. Disponível em <https://doi.org/10.1136/bmj.39237.429178.59>

FILMOGRAFIA

- Dias, Luigi. 2017. *Senhor Orientador*. In Good Company.
- Guerra-Peixe, Georgia. 2016. *Desafio Digital Itaú*. Bossa Nova Films.
- Kander, Nadav. 2014. *Love Later Life*. Partizan.
- Nova Cara. 2013. *Manifesto Nova Cara da 3ª Idade*. Garage IM.
- Rede Globo. 2017. *Pequenas Empresas Grandes Negócios: Empresário de 68 anos cria startup de nova moeda virtual*. Rede Globo Produções.